

Apresentação

Lawrence Flores Pereira

Entre Maquiavel, Montaigne e Descartes, Pascal, Antônio Vieira e Bossuet, entre Shakespeare, Cervantes e Racine – passando por Corneille, pelo jesuitismo, por Caldéron de La Barca – é a própria face do pensamento e da linguagem que muda de feição. A célebre exclamação de Hamlet de que tudo se transmudou numa “rapsódia de palavras” não é apenas uma situação num drama localizado. É um fato do pensamento do final da Renascença que vê sucumbir o edifício do conhecimento.

É em oposição, consciente ou inconsciente, a essa rapsódia sem fim dos tratados e da própria linguagem das analogias que o século dezessete introduzirá a instância do método, não apenas o de Descartes. Isso vem à tona no ideal na linguagem, na arte de falar e de pensar, no comportamento, na organização técnica do mundo e do Estado monárquico. Essa mudança ultrapassa as fronteiras do mundo francês: Vieira, não obstante seu gosto pelo antitético, amiúde se insurge contra o gongorismo dos discursos. O lugar oscilante de sua eloquência que a um tempo preserva os jogos barrocos e reivindica a simplicidade no púlpito revela-se também na crítica de La Bruyère à falta de “naturel” dos pregadores de seu tempo. Entretanto, nesta mesma época ocorrem outros embates, por exemplo, entre o barroco e neoclassicismo. Em Racine uma escritura clara traz um estrato indissolavelmente ligado à estilização ornamental do barroco.

Esse tipo de problema pode ser colocado em diversos níveis: político, religioso, social e artístico. As novas formas de sociabilidade do cortesão, do *bonnête homme*, a imensa influência da cultura italiana sobre a Europa inteira, as discussões filosóficas, políticas e culturais que se instauram nesse longo período e outros tantos aspectos.